



Discriminação Racial, Social e Cultural

Diana Ramos de Oliveira,¹
Universidade do País Vasco-Espanha

Resumo: Este trabalho apresenta um estudo piloto realizado no Brasil (N=95), na cidade de Salvador (BA) com alunos universitários afro-descendentes e não descendentes, tomando em consideração os valores culturais e a discriminação racial, assim como, as apreciações das diferenças socio-econômicas.

Neste estudo destacaremos, duas perspectivas que foram relevantes para nosso estudo piloto, a *perspectiva cultural* que nos leva a associar os valores coletivos com uma baixa distância hierárquica dos afro descendentes, com uma menor motivação para o êxito; e também a teoria da *identidade social* que explica que a discriminação dos grupos sociais de baixo status, conduzem a uma desigualdade no acesso aos recursos materiais e simbólicos. Um menor desenvolvimento econômico e educativo, correlacionan-se com uma maior dependência e lealdade ao grupo de pertença, assim como a maior percepção da distância hierárquica. Isto implica em valores autoritários,

¹Direção: Universidad del País Vasco

Deptº de Psicología Social e Metodología das Ciencias do Comportamento

Avd. De Tolosa 70, San Sebastián

Tel:(0034) 653 746 926 Fax: (0034) 943 31 10 55

E-mail: dianaraoli@yahoo.es

dando uma clara tendência ao coletivismo que supõe uma dependência emocional e subordinação ao grupo nos objetivos e primacia da identidade social sobre a identidade pessoal.

Palavras chave: Discriminação racial, valores culturais, identidade social, afro descendentes.

A maioria dos valores sociais de ideologia democrática e igualitária inibem a expressão aberta das idéias racistas, porém não impedem a existência desta “ambiguidade” nas sociedades modernas, onde as normas de tolerância co-existem não mais como idéias segregativas abertamente; e sim com a persistência de imagens negativas e condutas discriminatórias sobre uma série de grupos que estão completamente aceitos no nosso meio social que nos movemos.

O objetivo deste estudo piloto foi verificar as percepções sobre a discriminação racial, social e os valores culturais suas implicações na falta de acesso aos recursos sejam eles materiais ou simbólicos, assim como o alto coletivismo, que vem a produzir uma desmotivação nos afro descendentes.

Discriminación Racial & Cultura

As novas expressões de sentimentos negativos com relação a outros membros de outras etnias não se traduzem em ódio e rivalidade, senão que em incomodidade, insegurança, desgosto e, em alguns casos medo (Dovidio e Gaertner, 1986). Diante destas formas tão discretas de articular o sentimento racial negativo, as expressões racistas podem passar despercebidas, inclusive para o próprio indivíduo, não afetando sua auto-imagem igualitária e democrática socialmente valorizada.

Quando analisamos do ponto de vista das dimensões culturais é considerada como sistemas de crenças, valores, representações sociais compartilhadas sobre si mesmo, os outros e o mundo que os rodeia. Duas dimensões fundamentais segundo Hofstede (1999) são denominadas *distância hierárquica*, e *individualismo-coletivismo*. Se observa o paralelismo da: *dimensão cultural* “distância hierárquica”, que o autor denomina administração dos recursos, ou “*assimetria-simetria*” frente as fontes de poder nas estruturas de interação, (quanto mais distância hierárquica, mais assimetria de poder) e, a *dimensão* “*coletivismo/ individualismo*” como a expressão cultural de dois tipos de tendências no enfrentamento das situações críticas, “*evitação ou confrontação*”. As pessoas e grupos coletivistas, segundo autor, tendem claramente à “harmonia e o consenso social” enquanto que as individualistas tendem à “*auto-realização de cada indivíduo como meta fundamental*” aceitando os retos que surjam das circunstâncias.

Por outro lado, a teoria de valores de Schwartz (1994), postula que todo indivíduo assim como os grupos tem algumas necessidades básicas que servem de enfrentamento para regular o funcionamento social, que são: as necessidades biológicas, de coordenação social e o bem-estar do grupo. Para este autor, as dimensões de valores a nível cultural estão relacionadas com três pontos básicos que emergem na sociedade: a primeira, *as relações entre o indivíduo e o grupo, a conduta social responsável e o papel da humanidade no mundo social e da natureza*.

A primeira está ligada ao grau de autonomia vs. dependência do grupo (Conservadorismo x Autonomia)- de um lado o Conservadorismo que está vinculado as culturas que reforçam a coletividade. A manutenção do *status quo*, a convivência e a restrição das ações que possam ameaçar a solidariedade do grupo e a ordem do estabelecido. Ao contrário da Autonomia, onde o indivíduo está sozinho, buscando expressar seus atributos internos tais como preferências, sentimentos e motivos. Seguindo por duas vias: a autonomia afetiva e a intelectual.

Na segunda dimensão, Hierarquia vs. Igualitarismo, atende à questão de como se distribue os recursos, o poder e as oportunidades. As culturas que dão prioridade ao igualitarismo concebem aos indivíduos como semelhantes, socializam a seus membros na valorização da cooperação voluntária, assim como na preocupação com os demais. Nas culturas hierarquizadas o comportamento socialmente responsável é regida pelo desempenho dos papéis que são assignados. Reforçando o cumprimento das obrigações e ao mesmo tempo punido quando não se cumpre.

E por último, o Domínio vs. Harmonia, que nas culturas onde se valoriza o domínio as pessoas buscam dominar e mudar o mundo social e a natureza, valorizam o controle e a exploração para

satisfazer as necessidades pessoais e grupais, assim como alcançar objetivos por meios de atitudes como ambição, êxito, competência e atrevimento; como uma maneira de adaptar-se harmoniosamente ao contexto.

Ainda que as relações entre estes tipos de valores sejam dinâmicas, as ações dirigidas para alcançar um tipo de valor tem consequências psicológicas, sociais e práticas que podem ser incompatíveis com a busca de outros valores. Por exemplo, para conseguir ter êxito e sucesso individual (valor de Sucesso, Logro) entraria em conflito com a valorização do bem-estar dos demais (valores de Benevolência e Universalismo).

O modelo defendido por Schwartz, assegura que estes valores representam o interesse individual (Poder, Sucesso, Hedonismo, Estimulação e Auto-direção) assim como outros representam o interesse do grupo (Benevolência, Tradição e Conformidade). Entretanto os indivíduos podem buscar alcançar tanto os objetivos de aspectos individuais como coletivos, o que o autor denomina de valores mixtos (Seguridade e Universalismo).

Desde um âmbito mais social vale ressaltar que toda e qualquer expressão de certas relações de poder, ainda que tomem outras nomenclaturas, cujas causas se situam em uma estrutura social de dominação por parte de alguns grupos e de oprimidos por outro, não devemos esquecer todos estes fatores.

A discriminação no Contexto Social

A discriminação no contexto social brasileiro, na atualidade, apresenta-se em termos sutis e menos expressivos. Sendo assim, se discriminam determinados grupos sociais por que são muito diferentes culturalmente ou pelos seus valores e crenças, por que competem economicamente e socialmente por um melhor espaço na sociedade. Na realidade este tipo de reflexões tão sutis escondem, em última instância, uma enraizada intolerância à cultura em particular a de descendência africana e indígena, que podem converter-se em expressões racistas quando as circunstâncias sociais forem oportunas.

Em uma sociedade onde a divisão desigual de poder, de *status* e dos recursos é uma constante estará sempre presente na maioria das relações intergrupais (Lenski, 1984). Além do mais, muitas pesquisas já ressaltaram que uma categorização social do tipo “ nós/eles ” é suficiente para gerar um preconceito e discriminação, apesar da ausência de conflitos reais entre os grupos sociais envolvidos (Tajfel e Turner, 1986).

Quando falamos de identidade social, marcamos como um processo em perpétua construção, trabalho cotidiano e labor coletivo, ligado à história de cada grupo, de cada povo. A complexidade do conceito de identidade social se revela na riqueza de seus elementos constituintes: em primeiro lugar, o fato de construir-se a partir das vivências e percepções compartilhadas por um grupo no espaço e no tempo. Quer dizer, que a identidade social é produto de uma ocorrência histórica do grupo. Assim mesmo, essa identidade social é percebida subjetivamente por cada pessoa do grupo, porém e ao mesmo tempo, por seu caráter de construção social alcançado na interação, se define por oposição a outros, distinguindo-se deles.

Na Psicologia, Tap(1980) define como un sistema dinâmico de sentimientos axiológicos y de representações por las quais o ator social, individual ou coletivo, orienta suas condutas, organiza seus projetos, construe sua história, busca resolver suas contradições e sobrepor aos conflitos, em função de diversas determinações ligadas a suas condições de vida, as relações de poder nas quais se encontram implicado, em relações constantes com outros atores sociais, sem os quais não se pode definir nem reconhecer-se.

Tajfel(1972) propõe uma definição más restrita, que deriva do conhecimento que tenham as pessoas de seus grupos de pertença específicos e da significação emocional e qualificativa que permita a este fato. Para Tajfel, o núcleo da identidade social reside em um fenômeno de caráter cognoscitivo-emotivo, que ocorre nos indivíduos, más que em suas interrelações.

A teoria de la Identidad Social, desenvolvida por Henry Tajfel e por John Turner. Em seus primeiros trabalhos mostram a importância daqueles processos mediante os quais os grupos estabelecem contrastes entre si, comparando, categorizando, estereotipando. E tais processos, o conflito inter.-grupual joga um papel essencial, formulando assim a *teoria do conflito Inter.-grupual*, que pode resumir-se da seguinte maneira:

- ↳ A conduta social discorre entre os dois extremos de um *continuum*: as relações Inter-pessoais e as relações Inter.-grupales. Um conflito intergrupo de grande intensidade levará a que os membros de grupos contrários atuem más em função de características determinadas pelo pertencimento de seus respectivos grupos, em função de características individuais ou inter.-individuais(Tajfel y Turner, 1979).
- ↳ Ao mesmo tempo, isto ocorre com o outro *continuum* que vai desde a mobilização social à mudança social. A mobilização social se refere à idéia de que a sociedade é flexível e permeável, entretanto uma pessoa pode passar de um grupo a outro, de acordo com seus interesses ou grau de satisfação. A mudança social tem como base a idéia de que as relações inter.-grupais estão caracterizadas por uma marcada estratificação social que dificulta ou incluso pode impossibilitar aos indivíduos um pertencimento grupual que seja insatisfatório, desprivilegiado ou estigmatizado (Tajfel y Turner,1979).

Existe uma motivação humana, de acordo, com esta teoria, que o pertencimento a um *status* subjetivo inferior não promove competência direta dentro do grupo, e quanto mais baixa seja a posição em relação com grupos de comparação significativa, menos contribuirá a criar uma identidade social positiva.

Três processos encontram-se na base destas explicações teóricas complementar: *a comparação social*, que ao diferenciar os grupos conduz a sua catalogação e etiquetamento, quer dezer, *à categorização social*, o processo por meio o qual se atribue qualidades típicas a determinadas pessoas, agrupando-as em função delas, de tal maneira que passa a considerar como semelhantes entre si e ao mesmo tempo, diferentes, por essa mesma razão, de outras que não comparten estas características. E, finalmente *à despersonalização* do eu individual, à qual supõe o passo da identidade pessoal a identidade social, o ir do eu como indivíduo a nós como categoria endogrupal.

A partir destas contribuições teóricas dos modelos apresentados, o objetivo deste estudo piloto foi de verificar o quanto os estudantes afro descendentes teriam maiores dificuldades em ter acesso aos recursos, assim como conhecer as relações entre a discriminação sutil e expressiva comparado com os valores culturais. Isto nos serviria de base para aprofundar nas próximas investigações e também para orientar-nos com relação as políticas públicas de intervenção, ou seja, um melhor trabalho de sensibilização e informação específica no que se refere às necessidades e demanda desta população que se caracteriza por seu baixo ascenso social e motivacional.

Metodologia

Este estudo foi desenhado com a finalidade de adaptar alguns instrumentos apresentados à população brasileira. Para isso, foram selecionados dois grupos de sujeitos para nossa amostra, tendo em conta seu pertencimento a uma determinada zona do país, que comporta um maior número da população afro descendente. Sendo assim, os exogrupos selecionados para este estudo foram os universitários de Universidades pública e particular afro descendentes e brancos da capital Salvador na Bahia.

Amostra

Contou-se com uma amostra para este estudo, de 95 estudantes universitários da área de Ciências Humanas maiores de 18 anos que responderam ao questionário aplicado, repartido entre mulheres(75,8%) e homens(24,2%); assim como estiveram distribuídos quanto às suas identidade étnicas:Afro descendente(71,6%) Brancos(23,2%) Índios (5,3%), que aqui neste trabalho centraremos apenas nos dois primeiros grupos.

Com relação a algumas variáveis socio-demográficas não houve diferenças significantes entre os dois primeiros grupos , salvo, na questão de acesso à educação.

Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a recolhida de informação para este estudo piloto foi um questionário único para ambos os grupos que se adaptava à população brasileira concretamente para adequar às situações e circunstâncias vividas por eles. Composto por três blocos: o primeiro, as variáveis sócio-demográfica, que permitiu obter informação de caráter geral dos universitarios (ex.:idade, conviência, renda familiar, motivo de escolha do curso) ou seja uma informação geral da situação.

Em segundo lugar, as variáveis sobre os valores culturais com a escala de Schwartz com 40 items, onde se solicitava aos sujeitos que fizessem uma leitura atenta de cada descrição e indicasse o grau de parença com as pessoas descritas; que oscilava desde "Se parece muito comigo" e "Não se parece nada comigo".

E para finalizar esta análise, responderam ao questionário sobre o nível de discriminação social subjetivo de Pettigrew e Meertens, conforme estes dois autores, tanto o prejuízo sutil quanto o expresivo estão estreitamente ligados de maneira positiva ou negativa com muitas outras

variáveis. Principalmente as emoções, as crenças que os sujeitos têm com respeito as políticas públicas com relação a eles mesmos. Adiante apresenta-se os resultados das correlações feitas entre as escalas neste trabalho.

Resultados

Fiabilidade

As provas de consistencia interna(Alpha de Cronbach) lançam resultados satisfatórios para o tamanho da amostragem no geral. Os coeficientes alpha apresentam um valor .86 para a escala de valores culturais de Schwartz, de .84 para as ecalas de Discriminação sutil e expresiva de Pettigrew e Meertens.

Nas escalas de valores culturais as estruturas de valores individuais que foram tratadas neste análisis como benevolência, poder e logro pontuam .65, .64, .66 respectivamente.

Vale ressaltar que nesta escala de Pettigrew e Meertens os coeficientes alpha da escala sutil são ligeiramente mais altos que a escala expresiva neste estudo, oscilando de .70 na escala expresiva e .77 na escala sutil.

Com esta amostragem pôde-se confirmar duas hipótesis. A primeira delas que predezia que os estudantes afro descendentes teriam maior dificuldade no acesso aos recursos educativos foi confirmada através das diferenças em função da identidade racial nas variáveis socio-demográficas

Tomando como base este fato, a porcentagem de estudantes que tiveram acesso ao ensino fundamental foi de (31,6%) publico de (38,9%) no ensino particular. Contrariamente no ensino médio esta porcentagem aproxima-se um pouco mais, (44,2%) e (42,1%)respectivamente. No entanto, encontrou-se diferenças mais significativas quando se trata da identidade racial na opção adoptada no acesso à educação fundamental ($\chi^2 = 4.26$; $p \leq 0.05$). Como é o caso das mulheres negras em particular, que sinalizaram em maior proporção a escola pública e as brancas a escola particular (Ver tabela 1).

Tabela 1

Tabela de contingência Raça e Tipo de estabelecimento que estudou Ensino Fundamental

		Tipo de estabelecimento que cursou Ensino Fundamental		
		"Todo em escola publica"	"Todo em Escola particular"	
Raça	"Negra"	% de Raça	51,4%	48,6%
		% Ensino Fundamental	85,7%	58,6%
	"Branca"	% de Raça	20,0%	80,0%
		% Ensino Fundamental	14,3%	41,4%

A segunda também mostrou-se satisfatória haja vista que pronosticava que em ambos grupos de estudantes, afro descendentes e brancos, os valores coletivistas estariam associados com um nível de motivação mais baixa, enquanto que os valores individualistas com uma motivação mais alta, como pode observar na tabela 2.

Tabela 2.

Correlações entre as estruturas de valores individuais e COL/IND

		COLECTIM	INDIVIDM
BENEVOLM	Correlação de Pearson	,257 *	-,057
	Sig. (bilateral) P	,034	,642
	N	68	68
PODERMED	Correlação de Pearson	-,242 *	-,142
	Sig. (bilateral) P	,047	,247
	N	68	68
LOGROMED	Correlação de Pearson	-,251 *	-,059
	Sig. (bilateral) P	,039	,632
	N	68	68

*. La Correlação é significativa a nivel 0,05 (bilateral).

Como se pode observar, os valores coletivistas se relacionam com uma maior benevolência, ou seja, que os afro descendentes(4,69%) são menos benevolentes frente ao outro grupo(5,12%), que tem uma maior preocupação pelo bem-estar das pessoas que estão em contato no dia-a dia, não importado-se muito pelos demais. Assim como os coletivistas que estariam associados ao grupo dos afro descendentes por dispor de uma menor exploração para o poder-posição e prestígio social, riqueza, domínio sobre as pessoas e aos recursos. O mesmo ocorre para lograr êxito, os afro descendentes tem uma menor oportunidade para alcançar o sucesso pessoal e menos disposição para ter muitas influências comparado com os brancos que apresentam características culturais individualistas más seguras e estáveis.

Com relação aos aspectos da discriminação trabalhado nos instrumentos, foi feita uma correlação utilizando outras variáveis dos valores culturais(Universalismo e Transcendência)e variáveis de escalas, como competição de Triadis, masculinidade de BSRI , ainda que, não tenha sido de grande significação parece interessante a observação destas tendencias.

Tabela 3.

Correlação Discriminação Sutil e Expressiva com Valores culturais, Competição e Masculinidade

		Média Competição Triadis	Independência do Endogrupo
Puntução Média em BENMASC	Correlação de Pearson Sig.(bilateral) N		,183 ,075 95
UNIVERSM	Correlação de Pearson Sig.(bilateral) N		
LOGROMED	Correlação de Pearson Sig.(bilateral) N	,192 ,062 95	
TRANSCEND	Correlação de Pearson Sig.(bilateral) N	-,221* ,031 95	
Escala Expressiva PETTIGREW	Correlação de Pearson Sig.(bilateral) N	,297** ,004 95	
Escala Sutil PETTIGREW	Correlação de Pearson Sig.(bilateral) N	,334** ,001 95	

*A correlação é insignificante a nível 0,05(bilateral)

** A correlação é insignificante a nível 0,01(bilateral)

Nesta tabela nota-se que quanto mais masculinidade uma maior independência por parte do endogrupo, assim como a compreensão, o apreço a justiça social, igualdade(universalismo) para todos pontuam a mais, em contrapartida uma menor competição. No caso de logro, quanto mais sucesso também aumenta a competição.

Quando observamos a correlação na escala de discriminação, percebe-se que quanto maior seja uma competição maior será a discriminação expressiva, assim como a discriminação sutil.

Discussão e Conclusão

Em face dos resultados obtidos pode-se dizer que para o objetivo deste estudo piloto, as observações foram válidas, pelo menos parcialmente, servindo de embasamento para pesquisas futuras. Os instrumentos aqui utilizados parecem ser fiáveis para as questões esboçadas .

É evidente que a amostra que foi trabalhada apresenta uma série de limitações, não somente pelo tamanho, senão também pela sua aparente homogeneidade nas variáveis socio-demográficas como a renda e unidade familiar, moradia e motivo de escolha dos cursos na universidade. Isto significa que mais adiante teremos que perfilar mais a amostra para uma melhor distribuição dos resultados.

No entanto, este estudo mostra a ambivalência quando se trata de responder as questões de caráter discriminatórios, que foram uma das grandes dificuldades encontrada neste processo, os sujeitos recusavam-se a responder e/ ou assumir seus pontos de vista, donde pudessem expor razões não raciais para justificar suas crenças ou comportamentos discriminatórios. Nos estudos de Sherif, admite-se que os efeitos identificatório de caráter positivo, em integrantes de um endo-grupo produz umas relações antagônicas surgidas nos conflitos inter.-grupais.

E finalmente, de acordo com a teoria do conflito grupal(Sherif,1966), a oposição de interesses entre os grupos gera processos de categorização que levam a definir o grupo rival em termos negativos, tanto que o próprio grupo tem uma presença positiva nas mesmas áreas.

Allport,(1954) já comentava que quando existe um conflito entre, por uma parte, a lei e a consciência, e por outro, os costumes, a discriminação se pratica principalmente por vias indiretas e ocultas, e menos frequente de maneira indireta, pelas consequências embaraçosas que dela se derivariam.

Referencias Bibliograficas

- ALLPORT, G.W. (1954). *The nature of prejudice*. Reading, MA: Addison-Wesley
- DOVIDIO, J.F. e GAERTNER, S.L. (1986) (Eds.), *Prejudice, discrimination and racism*. San Diego, CA: Academic Press.
- HOFDSTEDE, G. (1999). *Cultura y organizaciones. El Software mental*. Madrid: Alianza Editorial.
- PETTIGREW, T.F. e MEERTENS, R.W. (1995). *Subtle and blatant prejudice in Western Europe*. *European Journal of Social Psychology*, 25, pp57-75.
- SHERIF, M. (1966). *Group conflict and cooperation: Their Social Psychology*. London: Routledge & Kegan Paul.
- SCHWARTZ, S. (1994). Beyond individualism/collectivism: New cultural dimensions of values. En U. Kim, H.C. Trindis, Ç. Kagitçibasi, S. Choi e G. Ion (Eds.), *Individualism and Collectivism: Theory, models and application*. Thousand Oaks: Sage.
- TAJFEL, H. e TURNER, J.C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W.G. Austin e S. Worchel (Eds.), *The social psychology of intergroup relations*. Belmont, CA: Wadsworth.
- (1986). The social identity theory of intergroup behavior. In S. Worchel e W.G. Austin (Eds.), *Psychology of intergroup relations*. Chicago, MI: Nelson-Hall